

6

Considerações finais

Piraí, Piraí, Piraí
Piraí bandalargou-se um pouquinho
Piraí infoviabilizou
Os ares do município inteirinho
Com certeza a medida provocou
Um certo vento de redemoinho
(Banda Larga Cordel, Gilberto Gil)

Conforme já desenvolvido nos capítulos teóricos, retorno aqui aos objetivos a serem perseguidos nesta tese, como estratégia de recordação das promessas assumidas pela pesquisa. Inicialmente, me propus a mapear os impactos das TIC's na chamada 'sociedade da informação' considerando as transformações que a presença da Internet provoca em alguns conceitos como juventude, tempo, espaço, cultura e representação. Também busquei identificar e delinear pistas que apontem para a definição do papel que a educação deve assumir nos processos de construção da cidadania e da democracia, no âmbito do contexto tecnológico contemporâneo. Outro objetivo assumido por esta tese foi o de discutir a questão do acesso e da divisão digital, considerando o panorama atual encontrado no Brasil e na Itália.

Para a realização desses objetivos, além da revisão de bibliografia e do levantamento dos dados apresentados pelas pesquisas mais recentes sobre o uso da rede, realizadas nos dois países, me propus também a fazer uma análise comparativa dos usos e acessos dos jovens à Internet, no Brasil e na Itália. Nesse sentido, por meio de observações, entrevistas e questionários, investiguei as práticas dos jovens brasileiros nas LAN houses, considerando essas como espaços potenciais de inclusão social, fazendo uma comparação com o Projeto 'terza àrea', desenvolvido na Universidade Católica de Milão, em parceria com o Instituto Oriani Mazzini, que tem por objetivo a inclusão dos jovens italianos, provenientes de contextos que apresentam um menor capital cultural, social e econômico.

Considerando o contexto, esses objetivos se orientam na seguinte questão de pesquisa: Comparando os usos e as condições de acessos dos jovens à Internet, em dois contextos culturais distintos, Brasil e Itália, quais as possibilidades que a inserção das TIC's, privilegiadamente, da Internet, trazem, no que se refere à

geração de mudanças no cotidiano de comunidades excluídas ou menos favorecidas?

Vale frisar que essas mudanças são pensadas por mim sob o ponto de vista da apropriação da informação para a geração de novos conhecimentos. Estes por sua vez devem ser utilizados pelos jovens na construção da autonomia reflexiva, no sentido de uma maior participação na construção da cidadania e da democracia, estimulando práticas que promovam o desenvolvimento sócio, econômico e cultural do seu entorno, realizando, desse modo, um processo efetivo de inclusão social.

Uma das dificuldades encontradas por mim para a realização desses objetivos, foi a imprecisão dos dados apresentados pelas diversas fontes oficiais de pesquisa nos dois países.

Apresentar o número exato de internautas que utilizam a rede hoje, não deve ser uma tarefa fácil. Diversos institutos de pesquisa utilizam diferentes critérios para definir quem é um usuário. As fontes mais conhecidas seguem os critérios adotados internacionalmente (como a metodologia internacional da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)¹³⁴ e do Instituto de Estatísticas da Comissão Européia (Eurostat). Nesses padrões, um usuário é alguém que utilizou a rede pelo menos uma vez nos três meses anteriores a pesquisa, variando a população em termos da idade considerada.

No Brasil, as pesquisas realizadas pelo CETIC.br também seguem os padrões metodológicos da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e da Eurostat (Instituto de Estatísticas da Comissão Européia), assim como as referências internacionais estabelecidas pelas parcerias, que oferece maior consistência e credibilidade aos resultados e permite a comparabilidade entre a realidade brasileira e a de outros países.

O CETIC.br vem concentrando esforços para a ampliação e melhoria da qualidade dos indicadores e das estatísticas produzidas anualmente em suas pesquisas, com o objetivo de garantir a confiabilidade dos dados, a geração de

¹³⁴ A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma organização internacional e intergovernamental que agrupa os países mais industrializados da economia de mercado. Tem sua sede em Paris, França. Na OCDE, os representantes dos países membros se reúnem para trocar informações e definir políticas com o objetivo de maximizar o crescimento econômico e o desenvolvimento dos países membros. Ver <http://www.oecd.org>.

melhores informações e, sobretudo, melhor nível de comparabilidade internacional.

Segundo os dados do Comitê Gestor da Internet (CGI) no Brasil na pesquisa TIC Domicílios 2008, e também os dados apresentados pela pesquisa realizada pelo L'Istituto nazionale di statistica da Itália - Istat (2008), consolida-se o fato já sabido de que, nesse momento, um dos principais grupos sociais que têm usufruído e participado das mais diferentes formas de interação na Internet é o dos jovens; Assim confirmou a quarta pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação do CGI no Brasil e do Istat na Itália. Ambas demonstram que o pico de utilização do computador pessoal se encontra na faixa que se encontra entre 15 e 29 anos (80%) mas, no caso do acesso a Internet, a faixa etária é de 18 a 34 anos (50%) no Brasil e de 15 a 24 anos (71%) na Itália. Apesar da ampla compreensão do conceito e da variação nos limites da faixa etária considerada 'jovens', este não deixa de ser um dos primeiros pontos em comum apontados pelas pesquisas, tanto no Brasil quanto na Itália.

Também no Índice de Desenvolvimento Humano¹³⁵, divulgado pelo PNUD¹³⁶ 2009, no dia 05/10/, o Brasil continua cotado entre as nações mais bem colocadas no *ranking* IDH, (com 0,813 num índice com máxima de 1 e mínima de 0). Porém, embora ocupe a 75ª posição na categoria dos países com desenvolvimento humano elevado, considerando a América Latina, ainda estamos atrás de países como Argentina (49º), Chile (44º), Cuba (51º) (principalmente por sua educação e saúde; porém com baixa renda), Venezuela (58º) (que pela distorção da variável renda ainda está em nossa frente) e Uruguai (50º). O país melhorou no quesito distribuição de renda, porém ainda precisa melhorar muito em saúde e educação. Noruega, Austrália, Islândia, Canadá e Irlanda figuram, nesta ordem, entre as nações mais ricas, ou seja, a dos países com desenvolvimento humano muito elevado, da qual também faz parte a Itália (0,951) em 18ª posição. Do lado mais pobre, Ruanda (nº167 do ranking), Mali(178º), Serra Leoa(180º), Afeganistão(181º) e Níger (último colocado, nº182 (0,340).

¹³⁵ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores para os diversos países do mundo. Os países são divididos em quatro grandes categorias baseadas em seu IDH: **muito elevado** (adicionado no relatório relativo a 2007), **elevado**, **médio** e **baixo** desenvolvimento humano.

¹³⁶Disponível em http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01. Acesso 19/11/2009.

A importância desses dados para essa tese surge quando, considerando o IDH do Brasil e da Itália - tendo em conta que sua medida comparativa agrega itens como riqueza, alfabetização e educação – e o acesso e os usos que os jovens fazem da Internet nos dois países, verificamos que apesar da distância em termos de IDH, no que tange aos usos e apropriações, os dois países apresentam grande proximidade, se diferenciando basicamente na questão do acesso.

Segundo os dados da Nielsen Net Ratings, divulgados em agosto de 2009, considerando o número de pessoas que se conectaram a Internet durante o mês de junho do mesmo ano, comparando os percentuais do Brasil e da Itália (que são os focos dessa pesquisa) em termos populacionais, a quinta posição ocupada pelo Brasil representa, grosso modo, que apenas 34% da população são usuários da Internet, enquanto que a ‘supostamente modesta’ décima segunda posição ocupada pela Itália significa que 51,7%, ou seja, mais da metade da população, possuem acesso ao mundo digital.

A relevância dos dados quando tratados em termos absolutos do percentual de usuários no mundo, pode dar a impressão de maquiagem um pouco a realidade, quando observamos o conjunto dos dados apresentados, considerando a população de cada país e o crescimento apresentado no período de 2000 a 2009.

Por outro lado, verificamos, dentre outras coisas que, o ritmo acelerado do crescimento apresentado por alguns países em desenvolvimento e/ou populosos, como é o caso do Brasil, que nesse período apresentou um crescimento de mais de 1.200%, ou mesmo da China e da Índia que superaram um crescimento de mais de 1.500% - para ficar apenas nos 12 primeiros do ranking - os números apresentados explicam e justificam a forte preocupação com o ‘lento’ crescimento da Internet, que hoje se faz presente na sociedade italiana e em vários outros países como é o caso da Alemanha, do Canadá, do Japão e mesmo dos Estados Unidos.

Conjecturando com base nos dados, podemos projetar que: a) se hoje a ‘sociedade’ é da informação, e se a informação é o grande capital contemporâneo, esse capital, supostamente, está acessível a todos que acessam o mundo virtual. b) se o país com o maior número de usuários conectados é também o país com mais capital informacional, resulta que é também, por consequência, o mais rico e poderoso.

Frente a esse raciocínio, os dados projetam que, se nos próximos nove anos o crescimento dos usuários da Internet se mantiver na mesma proporção dos

nove últimos analisados, ocorrerá grandes mudanças na pirâmide econômica atual, que sofrerá uma redefinição radical entre os países mais e menos desenvolvidos. Basta ilustrar que, com base no crescimento apresentado, o Brasil cresceu 1.250% em nove anos, enquanto que a Itália cresceu 127,5% nesse mesmo período; ou seja, o Brasil cresceu mais a cada ano (138,8) do que a Itália nos nove últimos anos; isso considerando apenas os países objetos dessa tese. Caso venha a ser analisada mais a fundo por outros interessados, o quadro pode ser ainda mais surpreendente.¹³⁷

Por meio da fala dos jovens brasileiros, assim como dos jovens italianos entrevistados na minha investigação, pude perceber que as práticas dos dois grupos na Internet apontam certas aproximações, guardadas algumas particularidades que vou detalhando melhor no corpo das dúvidas e (in) conclusões deixadas por esta pesquisa.

Em termos de similitudes, ambos os grupos têm como representação primeira da Internet o entendimento desta como espaço comunicacional e relacional. Nesse sentido, no que tange aos usos, os programas de conversação online (Skype, MSN) são os mais utilizados pelos jovens, como também são as redes sociais sendo que, no Brasil, a escolha recaí sobre o Orkut, enquanto que na Itália o Facebook lidera o uso em termos de filiação dos entrevistados. Em seguida, os jovens vêem a rede como um local em que podem ter acesso a todo e qualquer tipo de informação, desse modo justifica-se a fala dos jovens que apontam o uso de sites de busca, como o Google (campeão sob a ótica dos jovens) e da enciclopédia Wikipédia, que possui a confiança e a aceitação de grande parte dos jovens entrevistados.

No entanto, uma diferença sutil foi identificada por esta pesquisa, no que se refere ao sentido diferenciado que cada grupo possui dessas representações. A compreensão da rede como espaço de comunicação, que apresenta uma estrutura que incentiva práticas de cunho eminentemente relacional, atribuído a Internet, é comum aos dois grupos. No entanto, o sentido atribuído aos processos de

¹³⁷ Se considerarmos o crescimento de 1.500% apresentado pela China nos últimos nove anos, teremos uma média de 166,6% ao ano. Esse percentual supera o crescimento apresentado por países tradicionalmente fortes como Japão, Alemanha, Canadá e até mesmo os Estados Unidos. Se considerarmos a população desses países, o quadro pode parecer ainda mais assustador. (nota da autora).

‘comunicação’ e ao caráter ‘relacional’, difere entre os dois grupos, tanto no entendimento, quanto na prática.

Para a maioria dos jovens italianos, o computador é relacional na medida em que é concebido apenas como um “meio de comunicação”. Nesse sentido, eles o utilizam para olhar seus emails, ler notícias, procurar informações ou manter contatos com amigos já estabelecidos offline (na vida vivida fora do computador). Já para os jovens brasileiros entrevistados, a Internet, como espaço relacional vai para além disso, integrando nessa sua predominância relacional também a concepção da rede como “espaço para sociabilidade”. Nesse sentido, os italianos usam a Internet enxergando na rede apenas um meio de comunicação; para eles importa pouco qual versão dos softwares estão utilizando, basta que o programa seja capaz de transmitir a informação.

Ao contrário dos jovens brasileiros, que sempre estão discutindo ou buscando novas atualizações que potencializem um melhor desenvolvimento da máquina, eles não se interessam em explorar as potencialidades da mesma e quase não se importam com as novas atualizações disponibilizadas pela rede.

Do mesmo modo, enquanto os jovens brasileiros declaram que querem conhecer ao máximo seu computador, os jovens italianos demonstraram saber pouco ou quase nada sobre o interior e a composição de um micro (seu hardware e software). Dificilmente têm noção ou se interessam em saber o que mais alguns “megas de memória RAM” poderiam fazer em termos de performance funcional. Para os jovens italianos o computador é, conforme depoimento de um dos entrevistados, “um objeto prático, quase como uma inovação da TV com alguns acréscimos de funções”.

Isso eu pude comprovar também por meio de algumas matérias publicadas pela mídia italiana, a exemplo desta que utilizo aqui, como ilustração: No jornalzinho City, distribuído gratuitamente no metrô, de 23/11/2009, o título de uma das matérias sobre tecnologia me chamou a atenção: “Hard disk? Um grupo de rock? E o subtítulo: os professores são reprovados em tecnologia”. A matéria afirma que, embora usem os computadores, os professores não entendem nada de Web e de PC. Segundo uma pesquisa feita pela empresa Edu-Tech, com a participação de 1000 professores, 68% usam ao computador, mas sem ter recebido uma formação efetiva para isso. A pesquisa apontou que há os que o utilizam diariamente e os que só o fazem uma vez por semana. No entanto, entre os dois

grupos de usuários, 56% quando sondados sobre se sabiam o que significava o termo 'hard disk', alguns perguntaram e outros afirmaram que se tratava de uma banda de rock. Também, quando a pesquisa questionou significado do termo 'Outlook', mais de 30% disseram se tratar de uma expressão juvenil para definir aqueles que se encontravam 'fora de moda'.

Esse é um quadro que também pode ser encontrado no Brasil, o surpreendente é o fato de ter aparecido em um país com o nível de estrutura encontrado na Itália.

Quanto aos locais de acesso, a distância entre os dois países se amplia. Se na Itália a pesquisa apontou que, atualmente, a maior parte do acesso dos jovens tem sido feito de casa, no Brasil, a pesquisa (justificadamente pelo critério adotado) aponta os centros pagos de acesso, as Lan Houses, como sendo o local mais procurado pelos jovens entrevistados nesta investigação.

Esse é um dado que encontra respaldo nos resultados apontados, e divulgados recentemente pelo Comitê Gestor da Internet (CGI) no Brasil.

Analisando essa diferença na sua particularidade, fica evidente a associação entre o local de acesso e os fatores econômicos que caracterizam cada país. Atente-se para o fato de que a população da Itália foi estimada em 58.145.321, de acordo com E.U.Census Bureau; com uma renda per capita calculada em torno de E.U.\$ 33.540 ('07), segundo o Banco Mundial, e a quantidade de usuários da Internet apontada de 28.255.100 conforme pesquisa divulgada em nov./08, ou seja, quase a metade da população. Já o Brasil, em 2008 apresentou a estimativa populacional de 196.342.587, também de acordo com E.U.Census Bureau; segundo o Banco Mundial a renda per capita girava em torno de E.U.\$ 5.910 ('07) e, em dez de 08, apresentava 67.510.400 usuários da Internet, cerca de 34,0% da população.

Sob a luz destes dados, torna-se, pelo menos, compreensível a popularização dos computadores, celulares, televisores, filmadoras e outras tantas tecnologias na Itália que, além disso, possui uma grande infra-estrutura em termos de acesso à rede por meio de banda larga.

Em um país que apresenta o quadro econômico como o da Itália, nada mais natural que cada jovem munido com um computador e com acesso a Internet via banda larga, prefira acessar de casa a ter que freqüentar outro lugar como escolas ou bibliotecas. Esses dados explicaram também uma curiosidade minha, satisfeita

logo nos primeiros encontros com os alunos que fizeram parte da pesquisa, sobre o uso dos 'internet points'. Quando indagados se conheciam ou tinham o costume de freqüentar esses locais, a rejeição foi quase unânime e ficou evidente que, a grande maioria possui uma idéia desses lugares como sendo 'perigosos', tanto no sentido físico quanto no virtual, 'freqüentados por imigrantes suspeitos', (mulçumanos, egípcios e árabes) e que também não oferece segurança em termos de proteção no que se refere a vírus, roubo de dados, etc.

Já no Brasil, com uma população que ultrapassa, como já disse, a casa dos 190 milhões e com uma renda per capita de pouco mais de E.U.\$ 5.910 distribuída de modo fortemente desigual, e com uma frágil infra-estrutura no acesso por meio de banda larga, embora tenha se intensificado o uso e a posse de TIC's em todo território nacional, ainda há muito a se fazer no campo da inclusão digital.

Como também aponta a pesquisa do CGI.br 2008, o acesso cresceu muito no Brasil, chegando a alcançar 34% da população de efetivos usuários da Internet, sendo que somente na zona urbana, esse indicador já ultrapassou os 50 milhões de usuários. Destaca-se nesse contexto, a importância redobrada que os centros de acesso pago têm como principal local de acesso na área rural. Essa informação, somada aos resultados das pesquisas anteriores que indicavam a expressão das LAN houses como centros de inclusão digital nas áreas urbanas, indicam o que deveria ser o âmago das políticas públicas nacionais que visem à universalização do acesso à Internet: incentivar as LAN houses, com ênfase no cenário rural do país, pois na área urbana esse local compete fortemente com o acesso à Internet nos próprios domicílios. Nesse sentido, embora o computador e a Internet já estejam consagrados como poderosas ferramentas no universo das TIC's no Brasil, ainda existe um longo caminho a ser percorrido para alcançar a universalização dessas tecnologias, propiciando não só o acesso à era digital, mas a capacitação digital dos cidadãos brasileiros.

Outra diferença interessante que aponto diz respeito justamente à popularização da Internet. No Brasil, assim como em outros países, as pesquisas mostram que a Internet já superou outras mídias em termos de preferência junto ao público. Na fala dos atores da minha pesquisa, na Itália, o bem tecnológico mais citado foi a televisão, seguida pelo celular. O computador aparece em terceiro lugar, praticamente empatado com o Ipod (e/ou MP3) e a câmera de vídeo nas preferências dos jovens entrevistados.

No entanto, relembro que, mesmo a Internet não sendo a mídia preferida dos jovens, a Itália possui mais de 50% da população com acesso a rede e, se depender dos projetos de inclusão e dos esforços do governo e das universidades, a tendência é que esse percentual cresça ainda mais nos próximos anos.

Ressalto ainda que apesar da diferença existente entre os dois países, no que se refere à infra-estrutura e ao percentual de acesso, também em países desenvolvidos como é o caso da Itália, onde a desigualdade social é menor e mais controlada, a disparidade de acesso às tecnologias de informação e comunicação também se faz muito presente e a ‘divisão digital’ se constitui como uma grande preocupação do governo e da sociedade como demonstra o capítulo dessa tese que trata do cenário italiano.

Aprofundando meu conhecimento da realidade brasileira neste campo, somada ao que pude observar durante minha permanência na Itália, a percepção que construí parte do entendimento de que, em ambos os países, é grande a preocupação com a ‘divisão digital’. Igualmente há a preocupação com a promoção da inserção do país na ‘sociedade da informação’ e com a busca por criar condições sociais em que a informação e o conhecimento, vistos como fontes fundamentais para o bem-estar e o desenvolvimento social, possam ser utilizadas com propriedade, de modo a auxiliarem na construção de estruturas mais democráticas e participativas.

Em ambos os países existem, em maior ou menor grau, os ‘sem tela’, os desconectados, que são colocados em posição de desigualdade de oportunidades em relação aos grupos mais favorecidos, sendo alvos de discriminações, preconceitos e exclusões.

É obvio que não acredito nem, tampouco, defendo nesta tese a idéia de uma efetiva ‘democratização dos meios’ como muitas vezes aparece nos discursos que tratam da inclusão digital. Seria utópico da minha parte acreditar que isso é possível, na medida em que é público e notório que os meios de comunicação são dominados por interesses políticos e comerciais e que estão em poder dos grandes grupos privados, inclusive a própria Internet. Logo, pensar que a grande mídia privada e comercial pode vir a ser efetivamente democratizada, me parece uma irresponsabilidade utópica.

Contudo, é fundamental que os sujeitos, principalmente os que possuem menor capital cultural, tenham a oportunidade de acesso aos diversificados canais

de informação e que essa ‘diversificação’ exista efetivamente. Mais ainda, é fundamental que exista uma mediação entre os canais que dominam a produção e a divulgação da informação e os consumidores desses produtos. Acredito que somente por meio de uma mediação comprometida com o objetivo de construir condições para que os sujeitos ampliem seu capital cultural, é que estes podem vir a desenvolver uma autonomia reflexiva sobre o que está sendo produzido no e pelos meios de comunicação, sobre eles e sobre o mundo que os cerca.

Quando assim construído e conscientemente utilizado, o conhecimento fornece as condições necessárias para que os indivíduos apreendam a realidade no qual se encontram inseridos e realizem uma interferência responsável, pensando uma esfera pública em que os interesses coletivos ganhem primazia sobre os interesses privados, unilaterais, de uma classe ou de um bloco de países. Enquanto isso não se efetivar, a chamada “sociedade da informação” não passará de uma falácia, um simulacro de ‘sociedade do conhecimento’ que, na sua lógica de funcionamento, reafirma as desigualdades, reforça o fosso já existente entre os que possuem e os que não possuem o acesso e, principalmente, impede o desenvolvimento das condições culturais, sociais e econômicas para realizar uma concreta inclusão, ao mesmo tempo em que instaura novas formas de exclusão social.

Se por um lado, não acredito que os grandes meios possam ser democratizados, por outro também não ignoro nem desconsidero que é possível criar brechas, linhas de fuga e de resistência à homogeneização da informação proposta pelos grandes meios, a exemplo das iniciativas de veículos de informação populares, alternativos, livres e independentes. Também considero necessárias e fundamentais para esse processo de inclusão social, as inúmeras iniciativas, movimentos e atores diretamente relacionados com a construção de políticas democráticas de comunicação, que fazem da democratização dos direitos à informação e à comunicação suas bandeiras.

Cito como exemplo educativo que objetiva essa democratização a iniciativa do Projeto Cinema Paraíso desenvolvido por um grupo de professores da UERJ de São Gonçalo e do qual sou uma das coordenadoras. Este projeto, inicialmente, tinha como objetivo formar um público crítico, que possuísse acesso às diferentes linguagens cinematográficas, principalmente as não hollywoodianas

que, via de regra, ficam de fora do circuito dos Multiplex e das grandes salas de cinemas.

O projeto foi abraçado pelos alunos e, deu tão certo que, gradativamente ampliou seu raio de atuação criando o Laboratório Audiovisual Cinema Paraíso, voltado para atividades de produção de vídeos, webnovelas, de cine clubismo, de animações e de outras atividades de produções audiovisuais que são realizadas pelos próprios alunos. Agora, em mais uma conquista, o projeto inaugurou a recém criada Rádio Web Paraíso, que funciona dentro da própria universidade e foi concebida, criada e é mantida pelos próprios alunos, inclusive no que se refere à programação e à divulgação de informações.

Tudo isso só foi possível porque esses jovens foram motivados pela iniciativa, pelo apoio e pela mediação da professora Monique Franco que, em sua prática cotidiana acredita ser possível e necessário que a educação assuma e efetivamente ocupe o espaço e a função de ampliar a formação cultural dos alunos. Coadunado com a compreensão de que cabe, prioritariamente, à educação preencher, por meio do acesso criativo e lúdico às TIC's, as lacunas e as carências culturais dos jovens marginalizados, como são em grande parte os alunos da UERJ de São Gonçalo.

Além disso, considerando que o sistema educacional público concentra a maior parte dos estudantes brasileiros, o acesso à Internet nas escolas ou ainda a mediação fora dela, mas com a sua participação, como no caso do Projeto 'terza área, pode representar uma arena crítica de combate à marginalização em relação ao acesso à informação e à comunicação. Se as escolas e as universidades públicas ajudam a compensar o acesso desigual existente em casa, podem contribuir para promover a inclusão social. Por outro lado, se as escolas e as universidades também oferecem acesso desigual à tecnologia e ao uso dela, isso pode servir para aumentar a estratificação social. Ou seja, a presença dos computadores, as condições do acesso e os usos que se fazem diante deles têm potencial tanto para diminuir a estratificação social quanto para piorá-la.

A tecnologia pode se constituir como uma força niveladora, possibilitando que todos os jovens estudantes tenham acesso à Internet, como mídia privilegiada para a educação atual, como também, quando distribuída e utilizada de modo desigual, pode servir para estratificar desigualdades já existentes. Essas são preocupações que se inscrevem na pauta das discussões atuais sobre educação.

Para evitar que exclusões se perpetuem a partir do funcionamento do sistema educacional, todos devem receber uma educação capaz de equipá-los para poder desenvolver sua própria maneira, independente e crítica, de pensar e julgar, para que, no futuro, eles próprios possam decidir a respeito dos melhores caminhos de ação nas diferentes circunstâncias de suas vidas.

Ouso afirmar que, segundo a literatura encontrada, as políticas de universalização do acesso à Internet precisam estar associadas a outras políticas sociais, em particular as da formação escolar, sem as quais, a exclusão digital não será reduzida. Não haverá a redução da exclusão digital se não houver também a conquista de outros bens sociais, como a redução do analfabetismo, a luta contra as diversas carências de acesso a serviços públicos.

Refletindo durante a escrita dessa tese, lembrei as visitas às LAN houses e ao Projeto terza área. Nesse ponto, percebi que o elo que existe entre os dois está no envolvimento e no entusiasmo dos jovens por estarem naquele local, desenvolvendo aquelas atividades. Os jovens buscam as LAN houses como espaço que dá condições de acesso à internet de modo lúdico, cooperativo e criativo. O trabalho desenvolvido no Projeto terza área, pressupõe o desenvolvimento de atividades e reflexões ‘com, para e sobre as mídias’ (Rivoltella, 2005; 2006). Nesse sentido, por se tratar de um projeto didático possui um planejamento dividido por fases, que define previamente os conteúdos a serem trabalhados, o tempo e a duração das atividades, a metodologia a ser adotada e o processo de avaliação dos resultados, cotejando a comparação entre os previstos e os realmente obtidos ao final de cada fase. Mas, para minha surpresa, essa estrutura aparentemente ‘dura e fechada’ mobilizava e capturava os alunos, por ter como eixo condutor, perpassando todas as fases, um caráter prioritariamente lúdico e criativo. Nas duas situações, suspeito existir uma pedagogia constitutiva desses jovens como sujeitos ‘conectados e incluídos’ na sociedade atual. Ou seja, na LAN house eles, ainda que ocupando as ‘margens’, encontram uma ‘brecha’ para a sua entrada no mundo virtual, efetuando a passagem os ‘sem’ para os ‘com tela’. Com isso não estou assegurando que essa entrada garante a esses jovens uma efetiva apropriação dessas tecnologias de modo que à informação que circula na rede venha a ser processada, assimilada e resulte em um novo conhecimento.

No projeto terza área, sem perder a intencionalidade pedagógica da educação, desenvolvem-se atividades que buscam fornecer os meios e as

condições necessárias para o jovem ‘entrar’ no mundo virtual de forma lúdica, cooperativa e com liberdade criativa, porém contando com a mediação que busca garantir à população de baixa renda, a apropriação das tecnologias como meio de participação social e de construção de conhecimento.

Essas reflexões me deram pistas para pensar a possibilidade de germinar o entusiasmo presente na LAN house no ventre da educação. Ou seja, sem perder a intencionalidade pedagógica, desenvolver no interior da escola ou nos espaços das LAN houses, os meios e as condições necessárias para o jovem não somente ‘entrar’, mas também para permanecer acessando o mundo virtual, compreendendo sua lógica e explorando suas potencialidades, porém com foco na possibilidade de garantir à população de baixa renda, a apropriação das tecnologias como meio de transformação da sua realidade. Pensei em um projeto como o ‘terza área’, sendo desenvolvido no espaço da LAN house. Como isso pode ser feito? Ainda não posso dizer claramente, mas esse é, provavelmente, um tema muito relevante para uma outra pesquisa a ser realizada, que pode vir a se constituir no desdobramento desta tese.

É aqui, a meu ver, que a educação assume papel primordial como mediadora na construção da compreensão da lógica e das potencialidades da rede, formando adultos capazes de orientar suas buscas e ajudar na interpretação dos resultados. Como demonstram as pesquisas aqui apresentadas, a Internet ocupa uma fatia, cada vez maior, na vida social dos jovens. Para eles, a Internet não é uma nova tecnologia, mas uma espécie de síntese entre os instrumentos que eles já usam, mais ou menos bem, antes do aparecimento da Web, como por exemplo: o telefone, o console de jogos, a televisão, o rádio e o computador.

Nesse sentido, computadores e Internet, se por um lado podem servir como ferramentas através das quais os jovens aprendem a conhecer, por outro, porém, elas também, potencialmente, podem ampliar tanto forças agregadoras quanto desagregadoras presentes na vida social.

É certo admitir o fato de que as TIC’s estão possibilitando maior sintonia entre países, aumentando a velocidade no trânsito das informações, diminuindo as distâncias e comprimindo a relação tempo/ espaço. Mas isso não garante que esteja ocorrendo um desenvolvimento econômico, social ou político igualitário em todo o mundo. Pela sua própria estrutura, a rede pode fazer a diferença como espaço de mobilização social e da ação cidadã. No entanto, ela somente abre

possibilidades. É a atuação das pessoas que pode vir a criar ou não as condições para que ocorra essa renovação.

Ou seja, sem as condições sociais que permitam o uso de todo o potencial tecnológico disponível, a “sociedade da informação” reafirma sua face de espetáculo midiático e amplia o fosso entre os grupos sociais, mais do que contribuir com sua aproximação. Mesmo para os países que dispõem de muitos meios e cuja população tem condições de acessar as informações, a exemplo da Itália, nada garante que disso resulte conhecimento. Assim como um barulho acima de um determinado volume pode ensurdecer ou uma luz muito intensa pode cegar, também um mar de informações oferece a possibilidade de navegação ou de naufrágio. Vai depender das estratégias escolhidas. E isso é tarefa de todos aqueles que efetivamente possuem o compromisso com o educar. Esses entendem que o processo educativo deve objetivar, prioritariamente, contribuir para a formação de sujeitos que sejam capazes de intervir no contexto, buscando transformá-lo para melhorar a condição de todos e, efetivamente, senão acabar, pelo menos reduzir gradativamente o número e os processos de exclusão.

Rio Grande do Sul, Germania
Africano-ameríndio Maranhão
Banda larga mais demografizada
Ou então não, não adianta nada
Os problemas não terão solução
(Banda Larga Cordel, Gilberto Gil)